

Alma Nova

REVISTA ILUSTRADA ALGARVIA

ANO I	Redacção e Administração	Diretor, Proprietario e Editor:	Composição e Impressão	N.º 9
	Rua da Procição, 148, 3.º LISBOA	Mateus Martins Moreno Secretario da Redacção: F. Ascensão Mendonça Redactores: Ascensão Contreiras, Jaime da Graça Mira, João Roco, Joaquim Rita da Palma, José Dias Sancho, José Guerreiro Muria, José Pavia de Magalhães, D. Laurinda Serytram e Mauricio Serafim Monteiro.	A MODESTA -- 57, R. do Mundo, 59 LISBOA	

ASPECTOS ECONOMICOS DO ALGARVE

AS RIQUEZAS DO ALGARVE E OS PODERES PUBLICOS

A PESCA E A AGRICULTURA — NECESSIDADES DO SEU FOMENTO PORTOS E VIAÇÕES

o viajante que transponha a serra que lhe fica ao norte e entre na região do littoral algarvio, medianamente arborisada, soffre a impressão do contraste e fica encantado com os diferentes aspectos que essa faixa de pequena largura inclinada ao sul lhe vae apresentando.

Effectivamente o nosso paiz não tem região alguma tão diversamente arborisada nem de paisagem tão agradável, pois a sua variedade exclue a monotonia; pela divisão da propriedade os casaes alvissimos quasi se tocam e o mar de um azul intenso forma um fundo de quadro admiravel de luz e de vida.

E' uma provincia rica, dirá!

A verdade é que é uma provincia muito abandonada dos poderes publicos.

A faixa de mar que vae do Cabo de S. Vicente a Villa Real tem sido intensivamente tractada pelos algarvios. As melhores artes de pesca, os melhores aparelhos e processos são ali empregados.

O Estado difficilmente nos protege contra a invasão dos galeões hespanhoes e é a iniciativa particular que tem melhorado todos esses processos.

Onde porém se tem accentuado a maxima perfeição e desenvolvimento é na industria de prepa-

ração do peixe que, multiplicando-lhe o valôr, faz viver uma população enorme empregada nas fabricas e prepara productos que indo concorrer no mercado mundial tem ultimamente tambem não pouco concorrido para que o grande desequilibrio economico se não tenha dado.

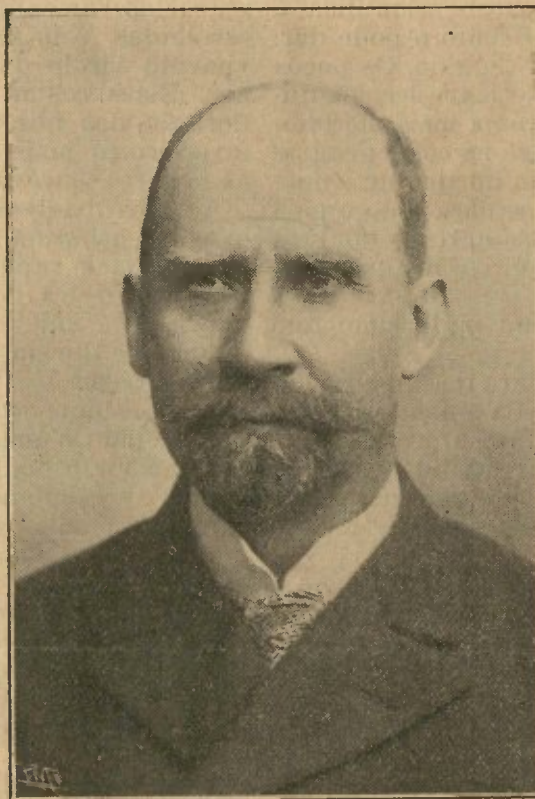
Além d'isso, desde a pesca até á preparação final, o peixe deixa a maxima parte dos seus beneficios, não propriamente aos mandatarios d'aquellas industrias mas a quem as exerce e manipula — os operarios.

Por isso, e por se tractar d'artigos que concorrem fóra do paiz com outros similares estrangeiros, toda a protecção é pouca, porque a riqueza que d'ahi deriva e se espalha na população nem escapa á rede apertadissima d'um paiz fiscal como o nosso, indo contribuir para o Estado por todas as formas e fornecer o ouro tão necessario ao paiz.

Se as pescas têm sido pouco protegidas pelos poderes publicos, a agricultura ainda menos.

A agricultura é extremamente precaria. Nada é certo na agricultura algarvia.

Um anno bom de culturas annuaes em França, na Allemanha, é aquelle que dá 101 ou 102 %; um anno mau dá 98 ou 99 de media. No Algarve um anno mau não dá a se-



COMENDADOR FERREIRA NETTO

Tentando saber cumprir com altivez o programa patriotico a que nos propuzemos, mais não é que um dever da «Alma Nova» prestar e fazer que todos prestem admiração a quantos, tomando um logar superior nos destinos da nossa provincia, hajam sabido engrandecê-la com os meritos da sua intelligencia ou do seu nome.

E' d'aquelles que mais cativam a nossa verdadeira simpatia, o agronomo e comendador sr. João Ferreira Netto. Aos seus merecimentos perante o Algarve, esta simples homenagem, pois, não esquecendo a maneira solícita e cativante como S. Ex.ª acaba de colocar a sua pena e todo o seu entusiasmo á disposição da patriotica obra de rejuvenescimento que vivmos proclamando.

mente e um anno bom dá 4 ou 5 sementes. As colheitas annuaes não regadas são sujeitas a uma incerteza absoluta.

Portanto, o que era preciso fazer? Com a zona de serras que divide o Algarve da resto do paiz não se pode pensar em trazer aguas de outras bacias hydrograficas de fóra da provincia.

Temos de nos limitar ás aguas do Algarve. Os 100 ou 120 milhões de m³ d'agua que cahem na serra annualmente carecem de ser aproveitados.

A zona da serra é bastante permeavel e ha poucas fontes ali. Era possivel organizar algumas albufeiras para regar as planicies, regularisar as chuvas por meio de uma arborisação intensiva da serra e estabelecer poços artesianos nos pontos proprios a esse genero de perfuração.

O exemplo d'uma arborisação scientifica e systematica na serra só o Estado o pode dar. Podemos affirmar que será seguido. Os poços artesianos, os primeiros, precisam ser coadjuvados pelo Estado. Com o clima mais meridional do que o logar que occupa na costa geografica, o Algarve pode ser em horticultura uma fonte inexaurivel de primores para todo o paiz e estrangeiro. Os fructos das arvores tambem adiantam mais de 15 dias sobre os d'outras provincias.

Na cultura das arvores ha muitissimo que fazer.

Pode suppôr-se que a cultura da figueira, tão extensa, a da alfarrobeira e da amendoeira são culturas bem estudadas e que os processos de amanho e escolha das boas qualidades estão feitas. Puro engano! Está quasi tudo por fazer! A figueira não rende para a despeza, as melho-



VIDA MARITIMA

A pesca do atum no Algarve
AJUNTANDO O PEIXE

res castas d'amendoeira para cada solo não estão escolhidas. Não está estudado o util desenvolvimento tardio da flôr das amendoeiras italianas. Estas castas retardam um mez e mais da floração das nossas — evitam assim o mez de fevereiro, o mais agreste porque corresponde ás maiores marés do principio do anno.

A alfarroba de Smyrna é muito melhor, maior e mais sacharina, e a alfarrobeira de um crescimento mais rapido do que a nossa.

A nespereira do Japão, tão cultivada no Algarve, está sujeita á variação da sementeira, quando se devem propagar por enxertia as melhores castas.

Estes estudos só podem ser efficazmente feitos pelo Estado n'uma estação horticolo-arboricola e a melhor propaganda deve ser feita praticamente, apresentando ao agricultor viveiros baratos de plantas escolhidas e cujos resultados sejam completamente seguros. Só assim se occupará o solo algarvio efficazmente com plantações de valôr e se poderá tirar maior rendimento.

E' o Algarve, por todos os seus principaes productos, conservas de peixe, figo, amendoa, alfarroba, cortiça, um paiz de exportação, mas os nossos portos estão de tal maneira descurados que com um só exemplo fazemos comprehender a importancia de quanto se faça no sentido de os melhorar.

As alfarrobas de Chypre chegam com mais mil leguas de percurso a Inglaterra com fretes eguaes e inferiores aos que paga egual tipo algarvio!

Sendo quasi todos os generos do Algarve de difficil transporte, pelo seu volume e pouco valôr, a viação deve ser muito mais



VIDA MARITIMA

A pesca do atum no Algarve

PUXANDO A REDE

tractada. As Camaras Municipaes antigamente, subsidiadas como eram as estradas pelo Estado, faziam estradas municipaes de 5^m por preços muito modicos. E' a forma mais economica de construir estradas — subsidiar o Governo as Camaras e estas darem d'arrematação as estradas. Existem para as Camaras outras facilidades que não tem o Estado: as expropriações reduzem-se ás vezes a zero e o custo kilometrico attinge minimos que o estado nunca obtem.

O Algarve, com cerca de 2/3 por cultivar, excede a media inculca de todos os paizes da Europa menos a Noruega.

E' tempo de acordar mas é com incentivos, e não asfixiando com impostos os productos do solo e das industrias que se faz progredir um

paiz, sobretudo quando esses impostos se vão reflectir em artigos que tem de concorrer no mercado universal.

O que o paiz precisa é que pelo seu trabalho, pelas suas exportações, se mantenha o difficil equilibrio da sua balança economica, e o Algarve, que contribuiu largamente para esse tão inacessivel equilibrio, deve ser poupado em contribuições de outra ordem para se poder desenvolver.

E ha tanto a fazer que está quasi tudo por fazer!

Do que dizemos rezume-se a necessidade do fomento directo das pescas e agricultura e indirecto dos portos e viações.

FERREIRA NETTO.

.....o:oo@oo:.....

O CONGRESSO ALGARVIO

LAVRA o mais desvelado entusiasmo pela patriotica iniciativa do Congresso Algarvio, que se pretende levar a efeito, em Setembro, na Praia da Rocha. Para dirigir os trabalhos foi eleita uma comissão composta dos srs. Tomaz Cabreira, *presidente*, Padua Franco, Jacinto Parreira e Fernando da Silva David, *secretarios*, e José Francisco da Silva, Antonio Judice Magalhães Barros, Anibal Lucio d'Azevedo, Carrasco Guerra, José Parreira, João Vasconcelos, João Lopes Garcia Reis, Antonio Eduardo Macedo Ortigão e Mateus Martins Moreno, *vogaes*, a qual tem sabido dedicar á sua causa a maior das dedicações. Além desta, que recebeu o nome de *Comissão Executiva*, ha a *Grande Comissão Organizadora*, constituída pelo conjunto das diferentes delegações e comissões locais, para a qual ha tambem já o concurso das mais cotadas individualidades algarvias; agradeecendo, não obstante, a Comissão Executiva, que todos quantos quizerem abrilhantar a nossa iniciativa com os recursos do seu saber e da sua dedicação pelo Algarve, não esqueçam o dever patriotico de se nos manifestar. Congregar o maior numero de inteligencias para a discussão dos problemas a tratar no Congresso, eis os intuitos altruisticos da nossa Comissão. E esta crê bastante na utilidade dos seus esforços, como crê e confia na auxilio de todos os algarvios.

Rapidamente, porque mais nos não permitem as exigencias do espaço, vamos dar a marcha dos trabalhos até hoje realizados:



VIDA MARITIMA

A pesca do atum no Algarve

UM BELO EXEMPLAR

(Clichés de F. S. Padinha)

a) Elaboração e aprovação definitiva do programa das teses a tratar no Congresso.

b) Envio de um questionario ás comissões locais inquirindo das diferentes necessidades, desejos ou aspirações do concelho que representam.

c) Distribuição das teses pelas individualidades competentes; serviço de expediente, etc.

Aos congressistas deverá proporcionar-se tambem o maior numero de atractivos; a praia será toda ornamentada com barracas, e num dos tres dias efectuar-se-ha uma regata em sua honra. O numero da *Alma Nova* respectivo ao Congresso, cuja data coincide com a do seu aniversario, será tambem uma das mais belas afirmações do nosso patriotico intuito em tornar util e digna de admiração a imprensa algarvia. Além do Programa Ge-

ral do Congresso, profusamente ilustrado com os retratos da Comissão e os mais belos aspectos das praias algarvias, trará brilhantes artigos e poesias dos melhores escritores e admiradores da nossa provincia.

A referida edição, que será d'alguns milhares, encontrar-se-ha distribuida por todo o Algarve e Lisboa, sendo de esperar a sua enorme extracção no local do Congresso.

A todos os anunciantes recomendamos desde já o grande numero da *Alma Nova*.

POETAS ALGARVIOS

Candido Guerreiro

D'entre os poetas algarvios que maior nome teem conquistado para a historia literaria da nossa provincia, Candido Guerreiro é, sem duvida, daqueles de que mais é justo sentirmo-nos orgulhosos.

Poeta amoroso e quasi ingenuo nas Rosas Desfoihadas, embora já verdadeiro poeta, a sua lira não se enquistou aí, como vimos succeder á de mui-



Dr. Candido Guerreiro

tos do seu tempo, mas foi, pelo contrario, ganhando azas, conquistando novas harmonias, subindo, enfim, na admiração de todos.

O livro de sonetos, que nos dizem ir agora publicar, será mais uma pagina fulgurante de beleza a confirmar os seus créditos.

A Alma Nova, que tanta admiração consagra ao seu talento, não podia esquecer a captivante gentileza com que o poeta se lhe vem dedicando.

MENDIGA

I

ALEMTEJO. Charneca. Nem um monte...
Tão tarde aonde irei pedir pousada?...
É na cheia da ultima chuvada
O rio não terá galgado a ponte?...

A colera de Deus, alta e sagrada,
Anda a rugir em vendaval... Defronte
(Senhor! misericordia!), no horisonte,
Já se acinzentada e avança a trovoadada...

Já o granizo bate nas estevas...
D'aqui a pouco dois carvões em braza,
Olhos de lobo, vão luzir nas trevas...

Jesus! Jesus! que ao menos não se afoite...
E andar leguas e leguas sem ver casa,
Ó agonias, ó pavor, ó Noite!...

II

QHUVA. Trovões. Relampagos —na algente
Ecuridão do ar lividas cliagas...
E o vento clama em vozes aziagas,
— Diabos á solta atormentando a gente...

Quem fôra bruxa para de repente
Ganhar azas, voar, semear pragas,
Ir aos sabás, e pela azinhagas
Uivar, uivar, uivar, sinistramente...

Antes cahir nas maldições eternas,
Vender a alma do que a minha sorte!
Lobo covarde, sae d'essas cavernas!

Tens esta carne e não a dilaceras!
— Vida de fomes, seja a minha morte
Um festim sanguinario para as feras...

III

E amanhã, ao romper da manhã, quando
O lobo se afastar a passos lentos,
Ó corvos impios, corvos agoirentos,
Que a morte andaes no ar apregoando;

Aves do crime, vinde em negro bando,
Atravez de aguaceiros e dos ventos,
Crocitar, disputar sobre os sangrentos
Vestigios do meu corpo miserando!

E, juntos, batei azas! Que pareça
A quem passar ao largo um pano d'êça,
Esfarrapado pelos vendavaes!

Depois soltae uns lamentosos gritos!
— Tragica morte, deve ter malditos,
Barbaros, espantosos funeraes!

IV

E Alma! luz moribundas que iluminas
As minhas amarguras derradeiras,
Vago luar na rama das palmeiras
E em velhas torres, altas, em ruinas;

Ó luar do Jardim das Oliveiras,
Morre em sonho, em translucidas neblinas,
No oceano do Além, em tremulinas,
Como um canto longinquo de ceifeiras...

Morre, ó minha Alma, e nunca te revivas
Nas formas contingentes e captivas
Do barro humano e miseravel, nunca!

Sê a fulminação d'uma scentelha!
Sê a vingança indómite e vermelha
Na força e raiva d'uma garra adunca!

CANDIDO GUERREIRO.

A VILA DE ARENILHA E AS SUAS LENDAS

II

*Sobre a visita d'El-Rei D. Sebastião á Vila de Arenilha. — O Marquez de Pombal e a fundação da actual Vila. — Os lamentos de Arenilha. — De quando Arenilha foi apeada das honras de capital da sua freguezia. — O descontentamento de Arenilha e da moura encantada no **Pego das Relíquias**.*

Da *Relação da Jornada de El-rei D. Sebastião de Évora para o Algarve*, cuja leitura acabamos de fazer, podemos afoutamente concluir que ao tempo em que El-Rei visitou a pequena Vila já ela se achava morta. Vamos repetir testualmente as palavras da *Relação*:

«Chegou a Santo Antonio, viu do bergantim e tambem viu a barra e correndo a Hayamonte etc.»

Este período foi mal escrito ou mal copiado; João Gasção, o cronista, quiz escrever: «Chegou a Santo Antonio, viu-a de bergantim e tambem viu a barra e veio correndo a Hayamonte etc.»

Na *Relação* omitiram-se palavras por culpa do cronista ou do copista. Podemos redigir a frase: «Foi D. Sebastião informado de que a vila de Arenilha se estava a desfazer, não resistindo ao choque das ondas, e quiz visitá-la, mas não osando dela aproximar-se em simples barco, mandou vir de Faro um bergantim. Soube a marquezia de Hayamonte que El-Rei desejava visitar Arenilha, mas ignorando que ele tivesse mandado vir de Faro um bergantim, pôz ás suas disposições onze bergantins para si e seus fidalgos, que o acompanhavam.»

A *Relação* é omissa no que a El-Rei succedeu, falando todavia na sua estada nas aguas de Arenilha; o seu silencio a tal respeito convence-nos de que a vila não só deixára de existir, mas tinha perdido a sua qualidade de capital de uma freguesia, sendo substituída pela *Ermida da Senhora das Dores*, em Monte Gordo, a única Ermida que existia na freguezia de Santo Antonio de Arenilha.

Isto encontra-se confirmado na historia de Vila Real de Santo Antonio: «*Construídas as casas da administração do concelho, nelas construíram uma capela com altares para onde se fez em 28 de janeiro de 1775 a trasladação do Santissimo Sacramento da capela de Nossa Senhora das Dores do Monte Gordo, para onde se fizera em tempo a mesma trasladação da Vila de Arenilha, quando esta foi de todo arruinada. Feita esta trasladação, foi repetida em 13 de maio de 1776 para o novo templo construído á eusta da Fazenda Nacional*».

Em 1908 escrevemos a *Monografia* do concelho de Vila Real de Santo Antonio e nesta vila estivemos alguns dias eoligindo apontamentos. Tivemos de pedir informações e ficámos realmente admirados do que ouvimos acerca do marquez de Pombal. Era cousa corrente que o marquez, antes de ser chamado a exercer o logar do 1.º ministro de D. José, residira por algum tempo nesta região, oude, dispondo de excellentes livros, fez os seus estudos e se familiarizou com os principais problemas da publica administração.

Como me pareceesse extraordinaria esta informação, um cavalheiro, entre muitos que se achavam presentes, pediu a palavra e fez a seguinte exposição:

— Vinha eu de Beja para Mertola em um dia de muito calor. Eram duas horas da tarde. O coeheiro saiu da estrada e foi descansar junto de um belo prédio denominado *Estalagem Nova*. Apiei-me e fiquei á sombra do proprio prédio. Apareceu então um sujeito, bem vestido e modos afidalgados, oferecendo-me a casa para descansar. Aceitei o convite, mas não saí da casa de entrada. Perguntou-me de onde era; respondi ser natural de Olhão, mas residia ha anos em Vila Real de Santo Antonio.

— Conheço Vila Real, observou o sujeito; foi fundada quando foi reconstruído este prédio. Foi seu fundador meu bisavô.

— Seu bisavô que aqui construiu este prédio no centro de uma vasta propriedade teve certamente poderosos motivos para empreender tal construção.

— Este prédio, segundo meu pai dizia — e como o nome está dizendo — foi construído para descanso das tropas que seguíam de Beja para Faro.

— E' possível; tenho porém ouvido dizer que neste prédio residiu alguns anos o nobre marquez de Pombal.

— O que o cavalheiro ouviu tambem eu ouvi; meu pai, porém, não obstante a minha insistencia, nunca me disse outra cousa.

Neste momento chegou o coeheiro com o trem, dizendo-me saber que o vapor saía de Mertola mais cedo.

Despedi-me do cavalheiro e saí com bastante pena, pois desejava apurar este ponto.»

Quando comecei a escrever a *Monografia* tinha muitas noticias e apontamentos; e sobretudo um marítimo entendido, que muito me auxiliou. Fomos todas as tardes a Hayamonte, e aqui encontrámos factos e noticias muito curiosas.

Não me foi difieil eoligir apontamentos para apurar que o marquez estudara muito bem a fundação da Vila. Desde Tavira até ao extremo da provincia contavam-se apenas tres centros piscatorios: Cacela, Monte Gordo e Castro Marim, mal aproveitados pelo Estado e fortemente usufruidos pelos estrangeiros. Erguer, pois, em Vila Rial um centro de população nas condições de poder sustentar as competentes repartições e assegurar o prestigio da lei e o direito do pescado, era empreza muito digna de um ministro. O marquez de Pombal lançou mão da lei e cumpriu á risca as suas determinações. Não estavam a isso costumados e daqui nasceu a afirmação de que o marquez teve razões particulares para fundar a vila, pois bem conhecia *pessoalmente* o terreno que pizava.

Este *pessoalmente* refere-se ao facto do parentesco que prendia o ministro a muitos cavalheiros do Algarve, entre os quais o Dr. Manuel Coelho de Carvalho, seu parente, e que lhe fez o ilogio por ocasião do seu aniversario em 1775, sendo juiz de Fora em Faro.

Durante o tempo que me conservei em Vila Rial tive ocasião de conhecer o quanto os habitantes da Vila eram reconhecidos e dedicados ao marquez; assim como os que o malquistavam com a opinião publica.

E' sabido que a grande maioria dos pescadores do tempo do marquez era composta de gente hespanhola (catalães) e de franceses, e estes, em odio ao marquez, que lhes tirara quasi o exclusivo rendimento do pescado, por todas as vias o desconsideravam.

Em uma tarde que fui de passeio a Hayamonte com o meu costumado informador, pedi-lhe me levasse de visita aos aposentos da velha Vila de Arenilha, que, no dizer dos entendidos, estava situada entre Cacela e Castro Marim, na praia que faz entrada para a barra de Hayamonte.

— Vamos — respondeu-me — mas não espere encontrar aposentos, lamentos deve ouvir muitos.

— Lamentos?

Dado o competente impulso aos remos, em pouco tempo acrescentou: estamos em Arenilha, ouça por pouco tempo.

Dentro de meia hora chegou-me aos ouvidos como que o efeito do som agudo resultante da fricção que se produz com a passagem do vento através de um orificio aberto em rocha dura e seca; quasi assobios.

— Não a entendo — disse para o meu companheiro.

— Está a lamentar-se por ter sido expulsa da sua primitiva habitação pelo marquez de Pombal.

— Tem graça; por essa ocasião já ela estava apeada das honras de capital da freguesia.

— Foi doutrina que lhe ensinaram os tais pescadores catalães. De tudo lançaram mão em vingança contra o marquez. Eu sou terceiro neto de um portuguez que vivia em Cacela quando se fundou Vila Real de Santo Antonio; meu pai e avós defenderam sempre o nobre procedimento do marquez, e espero seguir esses bons exemplos. Mente quem afirmar o contrario do que eu afirmo

—Quando supõe fosse Arenilha apeada das honras de capital da sua freguezia?

—Eu creio que desde o tempo em que caímos sob o jugo de Castela, desde 1580. Tenho motivos especiais para estar convencido disto. Vou expôr-lhe estes motivos e não lhe peço que os omita no seu livro, pois sou o primeiro a crer que o senhor os omitirá. Arenilha foi uma ninfa muito falada no tempo dos Finícios; outros lhe chamavam Naide.

Era, pois, Naide a ninfa do rio Guadiana, quando os Finícios dominavam em Cádiz. Expulsos de Cádiz os Finícios, caiu sob o poder dos Romanos, e então a ninfa mudou de nome e tomou o de Arenilha. Era então o mar e o rio muito piscosos; uns atribuíam esta fertilidade a Santo António; outros á ninfa, consoante as suas respectivas crenças religiosas. Então acordaram em denominá-la: *Vila de Santo Antonio de Arenilha*, o que foi aceite pelo Bispo da Ossonoba chamado Vicente e pela ninfa representada por uma entidade marítima superior.

Desde algum tempo tem-se notado que Arenilha anda descontente e com esse descontentamento tem coincido a sua grande aproximação da moura encantada do *Pego das Reliquias*, em Giões. Parece-me, pois, que antes de escrever a actual monografia devia ir a Giões e tomar os seus apontamentos em relação á lenda.

—Tem razão, vamos para Giões.

No dia seguinte á noite estávamos em Giões, séde de uma freguezia do mesmo nome, situada no *Serro do Algarve* e pertencente ao concelho de Alcoutim. Entre os seus diversos sitios destaca-se o *serro das Reliquias* e, na parte mais elevada deste serro, o *serro do castelo dos Mouros*. Proximo deste existiu uma capela denominada —capela da Senhora das Reliquias. De longa idade corre no sitio uma lenda que dá ali encantada uma rica moura que oferece valores subidos a quem a desencantar, achando-se esses valores por ali encantados.

Em 1864, Francisco Martins, moleiro, de Giões, principiou a espalhar que tinha sonhado com os tesouros da lenda, fixando perfeitamente o seu sitio. Formou-se logo

uma sociedade de vinte socios. Nos trinta dias de um trabalho estenuante tinham apenas conseguido uma colêção de duas moedas de cobre, romanas, e uma terceira do mesmo metal, mas com a inscrição inutilizada. Não ouvando dissolver a sociedade, consultaram Francisco Carapeto, de Santa Ana de Cambas, que os aconselhou a trabalhar, principalmente no centro do arco do castelo.

A sociedade continuou nos seus trabalhos e ao fim de três dias encontrou o tecto de uma abobada, medindo 60 metros quadrados. As paredes da abobada eram construidas de perfeita alvenaria, ladrilho e cal, tendo ao meio umas pinturas encarnadas e amarelas, que, na opinião de um sujeito de Beja, mostravam ser mouriscas. Continuaram a consultar os entendidos e a receber respostas animadoras; afinal encontraram um pote que sómente continha terra. Levantaram-se duvidas, muitos socios desanimaram e dissolveu-se a sociedade. Então começou a lenda da moura do *serro das Reliquias* a ser mais falada.

Em 1865 dois rapazes muito amigos, em seguida a um baile de campo, na vespera de S. João, em honra e louvôr do santo, resolveram ir tomar o seu mergulho num grande pego que existe no *serro das Reliquias*.

Quando deu meia noite largaram o baile e marcharam para o pego. Chegaram ali muito cedo, muito cansados e suados. Deitaram-se sobre uma grande lage, que existe á beira do pego, conversaram por algum tempo e... adormeceram.

Continúa: «A Moura do Pego das Reliquias», e «A Zorra Berradeira».

ATAÍDE OLIVEIRA.
(Da Academia de Ciências)

Erratas do artigo anterior

rapazes	leia-se:	reparos	Pag. 5, l. 41, 1. ^a col.
vorticinlos	>	vsticínios	Pag. 5, l. 24, 2. ^a col.
silva	>	salva	Pag. 5, l. 62, 2. ^a col.
escadas	>	eirados	Pag. 5, l. 65, 2. ^a col.

oo A BELEZA ARTISTICA DO ALGARVE oo

II

Campos e serras — Figueiras, amendoeiras e alfarrobeiras — A figueira algarvia e o seu aspecto — A figueira através dos tempos. — Rómulo e Remo, a loba e a figueira. — A opinião de Galeno. — A figueira na Grecia. — Baco, Ceres e a figueira. — Atenienses é espartanos. — As *dionisias rusticas*, a lenda de Procyon e as virtudes purificativas da figueira. — Eva e a folha de figueira. A sabedoria das nações e a figueira. — Quem inventou a figueira? — O que dizem os mitologos. — A figueira e a superstição. — A monja negra e os *fauni ficarii*. — A figueira de toque, a caprificação natural e as varias especies de figueira. — Considerações varias e etc. etc., etc.

CAMPOS e serras do Algarve possuem seus característicos de beleza que facilmente se assinalam. A distinguir-lhes o aspecto bastam os tres tipos predominantemente na flóra desta região: figueiras amendoeiras e alfarrobeiras.

Para maior destaque, a figueira algarvia é quasi sempre baixa, atarracada e ao surgir da terra lembra, quando despida de fôlhas, um animal fantastico a agitar, enraivecido, os seus tentaculos convulsos na serenidade do ar calmo. Depois, quando as fôlhas chegam a revestir os gálhos contorcidos, as figueiras assumem, vistas de longe, apparencia de opulentas moitas de vegetação, de um verde intenso e cru, que o tom argenteo da pocirada se incumbe de suavisar.

A figueira é o simbolo da geração e da fecundida vegetais e por isso os antigos, quando edificavam uma cidade, plantavam sempre uma junto das muralhas.

Os romanos tinham-na em grande veneração e acreditavam que fôra debaixo da côpa de uma figueira que a famôsa loba amamentou Rómulo e Remo.

Por sua vês, Galeno afirmava que todo aquele que desejasse engordar não tinha mais do que submeter-se a uma dieta composta especialmente de figos.

Em Atenas, durante as festas targelianas, os fieis expulsavam os profanos com ramos de figueira.

«Na simbólica dionisiâca ou báquica e no culto de Demeter (Ceres), — diz Lenormant no artigo *Baco* do seu grande Dicionário de Antiguidades gregas e latinas, — a figueira occupa em especial, um logar importantissimo.

Havia em Esparta um *Dionysos Sykites* (de sikos,

figueira). Na Atica os figos entravam no limitado numero das oferêdas indispensaveis nas *dionisias rusticas*. Fabricava-se de páu de figueira o emblêma levado preciosissimamente em tais cerimoniaes e referia-se o emprego ritual desta madeira a uma circumstancia da lenda de Procyon, o cão do belo Orion, filho de Neptuno e de Euryale.

Além disto, attribuia-se-lhe uma virtude purificativa inteiramente especial. Os idolos, os monstros e os livros ímpios eram queimados em piras de ramos de figueira e entre os objectos encerrados no sâco místico, havia galhos verdes de figueira.

O figo passava por ser o primeiro fruto cultivado que os homens tinham comido».

A fôlha de figueira foi o primeiro trage usado pela humanidade.

¿Que escandalo precedeu
A invenção do vestuario?

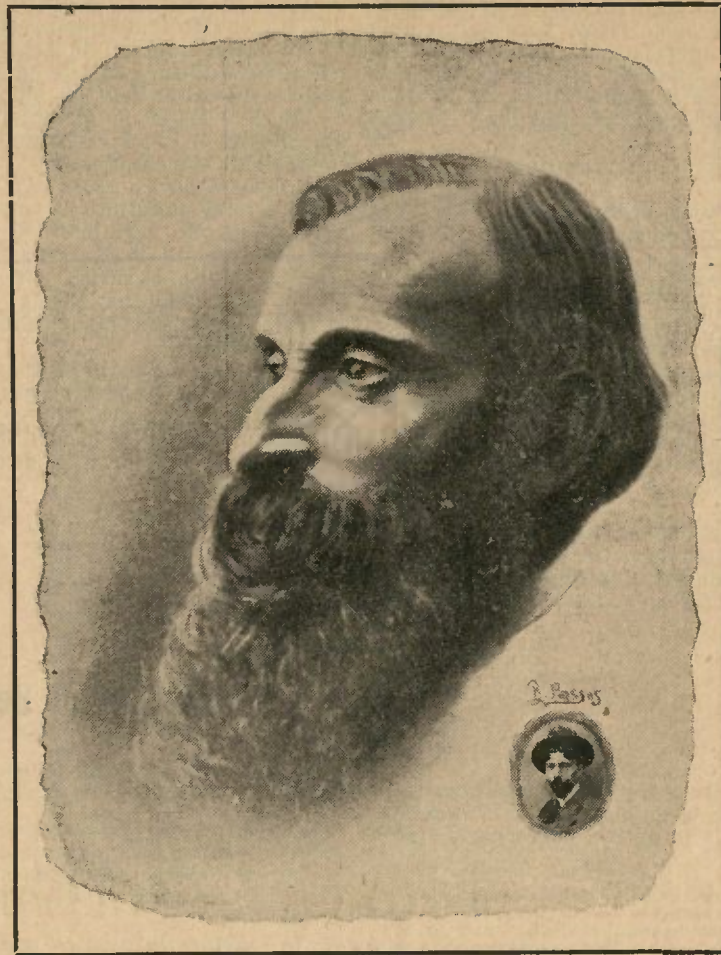
perguntava Bastrina. Por que se cubriu Eva com a fôlha da figueira?

Tais interrogações, até hoje sem resposta satisfactoria, aqui ficam exaradas, aos cuidados de qualquer investigador paciente...

Quanto á fôlha de figueira, direi que este emblêma da castidade, ou antes, do pudôr, continuou, desde então, a utilizar-se em escultura, sendo muitos os museus em cujas estatuas ela se vê precisamente na região do corpo em que Eva a ageitou...

A figueira é uma arvore em que se tem salvo muitos desgraçados prestes a perecerem ás garras e dentes das fêras e até alguns pecadores perseguidos pelo proprio diabo, nela tem encontrado seguro abrigo.

GLÓRIA AO GENIO



GUERRA JUNQUEIRO

Desenho de Boaventura Passos

PAGAR o nosso tributo de admiração áqueles que tornam altivo e cheio de gloria o nome lusitano, eis tambem um dever a que o nosso programa não podia eximir-se; e assim é que, publicando hoje o presente desenho de Guerra Junqueiro, nos sentimos na satisfação desse dever cumprido, na ancia patriótica de ver ainda mais conhecida e venerada a figura insinuante do grande pensador.

Guerra Junqueiro é o poeta mais admirado das letras contemporaneas e o que mais fulgores empresta á literatura do nosso seculo. Os francezes chamam-lhe o Victor Hugo de Portugal, e teem razão; ele é bem o genio dum Victor Hugo, eugastado, como os diamantes mais preciosos, numa alua portugêsa. Os *Simples* e, depois d'*Os Simples*, *A Patria*, *A Velhice do Padre Eterno*, *D. João* e as *Orações* são bem uma inapagavel afirmação dessa encantadora verdade. Gloria, pois. ao genio!

Os figos são reputados como o alimento por excellencia e tambem o primeiro alimento, cronologicamente falando. Como consequencia, fez-se da figueira um simbolo da riqueza.

Nós, portugêses, dizemos de um misero: *não tem eira nem beira nem ramo de figueira*.

Os italianos teem este proverbio: *Quando il villano é solo sopra il fico, no ha parente aleum né buen amico*, indicando que o vilão come os figos sem deixar nenhum para os outros.

Os catalães traduzem assim esta amarga reflexão: *Tens tant aprop las dents, que nót recordas dels parents*, (Tens tanto nos dentes que nem te lembrs dos parentes).

O figo é geralmente apreciado, é a *rosa* das frutas. Os alemães tanto os estimam que sustentam que as figueiras não se dão nos bréjos nem entre cardos.

Atribue-se a Báeo a invenção da figueira e a este deus eram oferecidas as primicias desta arvore, razão porque as canôforas usavam adornarem-se com colares de figos passados.

Existem, porem, outras versões, que merecem registro.

Diz-se, por exemplo, que a figueira é Sicéo, convertido em arvore por Rhêa ou Cibele, para livra-lo das perseguições de Zêus; sustentam outros que ela nasceu

dos amôres de Oxilo, filho de Orius, com uma hamadriáda, ou ninfa arboria; os de Cirène atribuiam a invenção da figueira a Kronos ou a Saturno e, por tal motivo, usavam representar este espantoso antropófago coroado de parras e figos.

A figueira era consagrada a Hermes (Mercurio), e a Juno, protétors dos casamentos. Uma das cerimoniaes nupciaes consistia em oferecerem-se figos aos noivos.

Apesar da alegria dos simbolos encarnados na figueira, esta arvore apresenta-se, em certas localidades, com um aspecto funerario, sinistro ou antipático.

Muitos camponêzes acreditam que as figueiras são muito frequentadas pelo demonio, sempre guloso de provar-lhe os frutos.

Na Sicilia, a figueira e a nogueira são tidas por arvores malditas.

Assim como os missionarios italianos chamaram «arvore do diabo» ao *asvatha* ou *pippala*, á arvore dos figos doces da India, os sicilianos vêem um demonio em cada fôlha de figueira e costumam dizer:

*Spiritu de ficu, e diavulo de nuci,
Tanti pampini siti, tanti diavuli vi facit*

Esta erença chega a parecer lógica quando relembramos que Judas se enforcou, ao que dizem, num galho de figueira.

Segundo Gubernatis, grande autoridade no assunto, tambem existe a superstição de julgar-se que não é prudente dormir á sombra da figueira nas horas calmosas do verão. Quem incorrer neste risco, verá surgir uma mulher vestida de monja negra, a qual, com um fino estilete hervado o obrigará a dizer se quer pegar-lhe pela ponta ou pelo manipulo; se responde que pela ponta é logo ali morto; se diz que pelo manipulo, terá sempre boa fortuna.

Aqui fica o aviso a quem venha a encontrar-se em tão perigosa colisão...

Não será esta lenda uma reminiscencia dos *fanni ficarii*, especie de espectros selvagens ou demonios mencionados por Jeremias (L. V. 6, 9)?

Em Palermo suspendem-se das figueiras mansas corôas feitas com ramos de figueira silvestre, para que os frutos possam amadurecer: *similia similibus*...

Aqui, no Algarve, generalisou-se ha muito o uso da chamada *figueira de tóque*, para realisação do curioso fenomeno conhecido pelo nome de *caprificação natural*.

As *figueiras de tóque* produzem figos pequenos, rugosos, e que não amadurecem mas tornam-se preciosas porque ha um insecto perseguidor desta casta, que perfura o figo no ôlho, depositando-lhe no interior uma grande porção de ovos.

Estes ovos desenvolvem-se no principio do verão e saindo nesta epoca de dentro do fruto, em grandes enxames de insectos, espalham-se pelos figueirais, indo perfurar os olhos a quantos figos encontram, precisamente

no tempo que mais convém ao seu rapido desenvolvimento e maturação.

Ha variedades de figueiras, que não sendo caprificadas, nunca dão fruto que preste.

Na Italia e ao sul da França usam ainda a *caprificação artificial* que consiste em perfurar os figos com uma palha e depositar-lhes nos olhos um pingo de azeite.

Mas!... tanto me alonguei e nem sequer me referi á amendoeira e á alfarrobeira, os outros dois tipos mais notaveis da flóra indigena.

Pois será para a outra vez...

Já agora, no intuito de completar tanto quanto possível este estudo, terminarei o artigo citando as variedades de figueira mais largamente representadas neste rincão: Cótias, enxárias, sofenas, brujassotes, verdeaes, cachopeiras, baloicias, violetas etc., etc.

Tambem ha, mas menos abundantes, as especies Smyrna e castelhana.

E relevem-me tanto falar em figueiras; pensem que o figo é uma das maiores riquezas desta provincia e dêem graças a Deus porque eu poderia muito bem lembrar-me de fechar o meu exordio com a remota *Canção do Figueiral*, tão popular que já andava na tradição oral no fim do seculo XIV!...

LYSTER FRANCO

Professor e Director da Escola Industrial e Commercial Pedro Nunes

Faro, Maio de 1915.



NOTAS

«PRECE AO VENTO»

O poemêto do nosso director, que a *Alma Nova* acaba de editar, tem tido a mais larga extracção e merecido os melhores elogios, tanto da imprensa como particulares.

D'O Dia, de Lisboa:

«Prece ao Vento», assim se intitula uma poesia que o sr. M. M. Moreno escreveu sobre o thema de quatro bellos versos de João de Deus. Foi feliz. N'essa poesia ha sentimento e está bem trabalhada a idéa de que o auctor da «Prece» tirou todo o proveito.»

D'A Acção Nacional, idem:

«Oito paginas de versos tão deliciosamente feitos que valem duzentas ou mais d'algum empurrado, futurista, nephelebatico ou arvezado poema. Não tem braços encurvados passciando nos salões do Vice Rey, antes estão feitos com muita arte, eurythmia, bom gosto, justeza e sentimento.»

A imensa carestia de espaço não permite alongarmos em transcrições, pelo que nos limitamos apenas a exarar o nosso profundo reconhecimento pelas boas palavras que lhe foram dirigidas.

A's varias publicações que, com penhorantes dedicatorias ao nosso director, ultimamente temos recebido, tambem não podemos hoje dedicar as nossas colunas. Agradecendo aos ofertantes comportemos a primeira occasião.

Agradecemos tambem a visita das belas revistas «A Povo do Varzim», da vila do mesmo nome, e a «Revista da Federação Academica de Lisboa».

ANIVERSARIOS

Fizeram anos: Dia 5, Antonio Pio da Silva (Faro); dia 11, D. Ludovina Carvalho (Faro), e dia 13, o menino João Diogo Marreiros Neto (Loulé). Fazem: Dia 21, D. Idalina Mendonça Azinheira (Silves), e dia 21, D. Maria Benta de Sousa (Faro).

—No dia 13 tambem festejou o seu aniversario natalicio o nosso dedicado amigo A. Gagliardini Graça, professor do *Jardim Colegio*, que reuniu, em jantar intimo, os seguintes amigos, entre outros: J. Murta, nosso redactor, Henrique P. A. Parreira e o seu irmão João G. Graça. Ao levantar das taças foram trocados affectuosos brindes.

DESCULPEM-NOS

Vá lá uma jereniadasita aos nossos colaboradores. Mas como hade ser, com estacrise de espaço... Atéao querido Gonçalo de Oliveas tivemos que interromper as suas *Questões*... O Bustorff e o A. F. tambem nos perdôam desta vez... sim?

Concurso de Beleza Infantil

Continuámos esclarecendo os nobres fins do nosso concurso, aguardando as respostas.

1.º — *E' inquerido do leitor ou leitora o seu parecer sobre a menina ou menino mais galantes de Faro.*

2.º — *E' aberta uma subscrição por todos os leitores e leitoras com o fim de obter donativos para criancinhas indigentes.*

3.º — *Espirado o prazo do concurso as criancinhas mais votadas (um menino e uma menina) distribuirão, em uma festa que então faremos, os donativos que houver por um numero correspondente de criancinhas pobres.*

Criancinhas votadas

Maria Carolina, sobrinha do sr. Francisco Pinto.....	2
Maria Judith, filhinha do sr. João Ferreira Neto.....	3
José, filhinho do sr. Rebelo Neves.....	4
Arthur José, filhinho do sr. João Ferreira Neto.....	1
Pedrinho, filhinho do sr. Dr. Arthur Aguedo.....	1

Importancia recebida em favor da subscrição

Transporte.....	3\$00
D. Lanrinda Serytram, mais.....	\$60
Total.....	3\$60

Fatinhos prometidos

D'uma Anonima de Faro, para menina de 3 anos.....	2
---	---

NOTA — O concurso encerrar-se-ha em Setembro.

TEATROS, CIRCOS E ANIMATOGRAFOS

Politeama — *Em scena a engraçada revista «O alferes da flauta», que atrae todas as atenções.*

Apolo — *Continua a bela revista «Rosa Tirana», com o novo quadro «Quincas», o polleia amator. Exito extraordinario.*

Eden — *Inaugura hoje a sua epoca de verão, com uma revista que promete: «O diabo a quatro».*

Coliseu dos Recreios — *Continuam espectaculos a meios preços. Sessão de opera lirica. Animatografo colossal.*

Olimpia — *Matinéas ás 5.^{as} e domingos. As mais belas fitas.*

Salão da Trindade — *Fitas artisticas.*

Chiado Terrasse — *Formosissimas fitas.*

Teatro Circo de Faro — *Grande cinema da capital algarvia. Fitas sempre escolhidas e preços modicos. Sessões aos domingos, 2.^{as}, 5.^{as} e sabados.*

◊ proximo numero da «Alma Nova» será dedicado ás nossas leitoras

SOCIEDADE PROPAGANDA DE PORTUGAL

SÉDE — Rua Garrett, 103, 2.º — LISBOA
TELEFONE N.º 1480

FIM DA SOCIEDADE: Criar e desenvolver, entre nós, a **INDUSTRIA DO TURISMO**, fonte de riqueza nacional

Vantagens dos socios, entre outras muitas:

a) Abatimento de 50 % uma vez por semana, nos teatros de Lisboa Apolo, Avenida, Eden, Ginasio, Moderno e Trindade; e nos animatografos Central, Chiado Terrasse, Olimpia, Trindade, Anjos e Chantecler.

b) Abatimento de 50 % nos animatografos do Porto Jardim Passos Manuel e Salão Jardim da Trindade; Abrantes na Sociedade João de Deus a todas as distrações que oferece aos seus associados, tem direito os socios da Propaganda com a apresen-

tação do bilhete de identidade; Barreiro, Teatro Independente abatimento, de 20 %; Covilhã, Herminios Terrasse, abatimento de 50 %; Evora, Teatro Garcia de Resende, sabados 50 %; Faro, Teatro Cires, abatimento de 50 % e Teatro Lethes, 8 %; Figueira da Foz, Casino Mondego, abatimento 25 %; Guarda, Casino da Beira, 20 %; Lagos, Empreza Animatografica Laeobrigence, 50 %; Leiria, Teatro Moderno, 20 %; Setubal, Casino Setubalense e Salão Recreio

do Povo, 50 %; Vichy, Jardim de Vichy, 10 % e Casino Fleures, 50 %.

c) Abatimento de 50 % no preço da entrada, ás 4.ªs feiras, no Jardim Zoologico.

d) Advocacia gratuita (consultas 3.ªs e 6.ªs feiras).

e) Abatimento de 10 % em todos os grandes hotéis do paiz.

f) Abatimento de 5 a 25 % em numerosos estabelecimentos comerciais.

g) Abatimento nas excursões promovidas pela Sociedade.

QUOTA MINIMA 1\$20 POR ANO

Pedir boletins para inserção de socios, à **SOCIEDADE PROPAGANDA DE PORTUGAL**
DELEGAÇÕES DA PROVINCIA

Bairrada—Presidente: Adriano Augusto Canecla d'Albreu.

Carfaxo—Presidente: Francisco José Pereira.

Castelo de Vide—Presidente: Dr. João Magrassô.

Covilhã—Presidente: Fernando Henriques da Cruz.

Elvas—Presidente: José Nunes da Silva Sobrinho.

Evora—Presidente: Viseconde da Esperança.

Faro—Presidente: Constantino Romano.

Lagôa—Presidente: Antonio Judice de Magalhães Barros.

Lagos—Presidente: Lopo

José Aguado Leote Tavares.

Leiria—Presidente: Inacio Verissimo d'Azevedo.

Luso—Presidente: Ernesto Navarro.

Manteigas—Presidente: João Bernardo da Cunha Matos.

Monchique—Presidente: Dr.

Bernardino Moreira da Silva.

Penacova—Presidente: Dr. Luiz Sereno.

Portalegre—Presidente: Dr. João Franco de Souza.

Portimão—Presidente: Antonio Teixeira Bicker.

Silves—Presidente: Pedro Paulo Mascarenhas Judice.

A **"ALMA NOVA"** Trata da inscrição de socios na "Propaganda de Portugal". Todos os socios por nós inscritos terão o abatimento de 50 % na sua assinatura em a nossa revista.

Aos anunciantes

Recebem-se anuncios para o **numero especial da**

ALMA NOVA

Preços convidativos e resultados certamente beneficos, atenta a grande distribuição deste numero no Congresso Algarvio.

SEMENTES

DE

Hortalicas, flôres, arvoredos, cereaes, pasto, etc.

Pedidos de catalogos a

Alfredo Carneiro de Vasconcelos
& Filhos

105, Rua de S. João, 111
PORTO

ADUBOS

de toda a especie

O. HEROLD & C.^A

Sucursal em FARO

Rua D. Francisco Gomes, 45

ONDE

Se executam todas as transacções

Livraria das NOVIDADES

— DE —

Antonio dos Santos Capela

Rua da Marinha, 15 — FARO

Livraria, Papelaria, Loterias
e Tabacos nacionaes e estrangeiros

Neste estabelecimento vendem-se e compram-se todos os livros para escolas e liceus, romances e obras scientificas! Recebem-se diariamente todas as novidades literarias, jornaes de modas, figurinos e publicações.

Grande sortimento em bilhetes postaes

Assinaturas permanentes de todos os romances e mais obras.—Descontos aos revendedores e estudantes.—Encadernações a preços resumidos. Agente das principaes casas de Lisboa.